

Alegoria da aventura de viver

Biagio D'Angelo*

Meu diálogo apaixonado com a literatura brasileira começou com um pequeno livro encontrado por casualidade numa biblioteca de minha cidade, não muito aberta a experiências intelectuais transoceânicas, num frio dezembro siciliano de 1988. O livro era **Miguilim**, numa esplêndida tradução de Eduardo Bizzarri, o tradutor “oficial” da obra rosiana na Itália, com prefácio do reconhecido e sensível autor Antonio Tabucchi. Desde aquele ano, uma frase de Tabucchi me suscitou atenção, inquietude, fascinação: “Miguilim está agora em seu cavalo, está partindo, e olha ao entorno. Agora vê o real em seus mais minuciosos contornos. Submerso, de improviso, no Agora, o Miguilim afastado do oco do tempo, *olha*. Mas o que é aquele olhar e o que significa?”

Curioso, iniciei a leitura das obras que achava nas livrarias, perguntando, com olhos inquisidores – como os do pequeno Miguilim – se conheciam e se tinham um autor brasileiro com nome de atriz do neorealismo italiano... Entrei, assim, no Sertão. Uma frase de **Grande sertão: veredas** funcionou como introdução à viagem pelo sertão e pelo universo de Guimarães Rosa: “Vivendo se aprende; mas o que se aprende, mais, é só a fazer outras maiores perguntas” (ROSA, 1958, p. 389-390).

Anos depois, quando estava nostalgicamente lembrando a Rússia, com suas cúpulas douradas e a neve obcecante, onde tinha me doutorado em literatura comparada, fui convidado pela professora Lélia Parreira Duarte a participar de um simpósio sobre Rosa, a realizar-se em Moscou. Apresentei uma leitura cruzada com Dostoievski. Junto ao grande autor russo de **Crime e castigo**, não tenho dúvidas de que, na minha experiência de leitor, Rosa foi o autor que mais me provocou, no sentido etimológico do termo: “pro-vocou”, isto é, me chamou a uma

* Universidad Sedes Sapientiae, Lima, Peru.

leitura mais atenta da ficção, do meu trabalho, da realidade. Foi dessa forma, tão inusitada, meu início crítico-literário rosiano.

É bem notório, polemicamente, que os comparatistas não apreciam congressos internacionais monotemáticos: um tema só aparece como uma contradição em termos para uma disciplina que faz da pluralidade discursiva seu cavalo de batalha. Contudo, convido todos os comparatistas (que já, muito numerosos, frequentam os preciosos prédios da PUC Minas) a se deixarem seduzir pela magia mineira e, sobretudo, pela sabedoria organizativa de Lélia Parreira Duarte. O simpósio internacional Guimarães Rosa é uma verdadeira experiência comparatista.

Depois da conferência de abertura a cargo de um emocionado e comovente Davi Arrigucci Jr, que interrogou o público com os mesmos porquês de Riobaldo frente às circunstâncias (por que eu? Por que Diadorim? Por que Hermógenes?...) e as peças do Grupo Intervalo (precisamente os famosos contos “Esses Lopes” e “A terceira margem do rio”), entramos no clima de leituras e releituras da obra rosiana, visões e revisões, contos e “re-contos”.

Entre filmes e vídeos, nove minicursos, vinte e nove simpósios e mais de uma dezena de encenações teatrais de jovens, ouvimos os contadores de histórias. Como estrangeiro, originário de uma região mítica da Itália onde a memória se mantém ainda vívida, esses contadores são umas das surpresas da semana mineira.

Aonde ir, o que ouvir, de quem aprender? Cada escolha parece trazer consigo um castigo. Ainda não temos o dom da ubiqüidade. Poderíamos estar na dúvida da escolha como o asno de Buridão, perdidos entre os labirínticos temas estimulantes e variados que o seminário propõe: das origens da obra rosiana à contribuição da psicanálise, do substrato mitológico à perspectiva intersemiótica, da narratividade à intertextualidade, das múltiplas formas de conhecimento em que a obra de Rosa insere a sedução de sua linguagem inovadora, experimental, universal. Há grupos de trabalho em cada aula da PUC Minas, uma alegre multidão de alunos, professores e curiosos, muitos vindos a Belo Horizonte pela primeira vez. Sob o sol quente mineiro, ou envolvidos por estrelas de noites tépidas, todos escutam pacientes e interessados as travessias de Rosa, que são também as nossas, sem esquecer que ele é “um mestre que ensina a dialogar com o povo”. Nos itinerários transdisciplinares que os trabalhos propõem, temos também estudos sobre o âmbito ibero-afro-americano e a reconfiguração dos espaços, dos limites, das fronteiras da obra rosiana.

O que mais surpreende o convidado ao banquete rosiano é o diálogo e o dinamismo dos textos “escritos” e os textos que, a partir da escrita, enriquecem intersemioticamente a interpretação e a fantasia do leitor rosiano. Por isso, será muito difícil esquecer a fascinação e a gentileza de Dôra Guimarães e Elisa Almeida, e a leitura refinada e elegante de “Manuelzão. Uma história de amor”; ou es-

quecer outro presente desse seminário que foi a dramática encenação, sempre emocionante, de “Sorôco, sua mãe, sua filha”, com a direção de Elisa Santana, e o trecho teatral de João Bosco e Ana Leonel Queiroz sobre o amor no **Grande sertão**.

Não faltam as exposições fotográficas, como a de Roberto Murta, nem os periodistas curiosos, que, desde agora, lerão a obra de Rosa com maior profundidade, atenção e assombro. Finalmente, não faltam os “miguilins”, simples e humildes, como taumaturgos preciosos, que todos querem cumprimentar e tocar.

A encenação teatral da história de Maria Mutema, numa versão entre o moderno e o mistério medieval, proposta por Cida Falabella, com os alunos da UNIBH, conclui as atividades do seminário. Pouco antes, um público atento escuta as palavras de encerramento sobre “Meu tio Iauareté”, obra traduzida para o espanhol por Valquiria Wey, da Universidade Autônoma de México, que demonstra até que ponto “universal” (não apenas “regionalista”) a experimentação lingüística rosiana tinha chegado. As variantes do tupi que Valquiria estabelece para os leitores de língua castelhana representam um trabalho impressionante de estudo antropológico e lingüístico, assim como de paixão autêntica pela obra de Guimarães Rosa. Das palavras mágicas iniciais do relato (“— Hum? Eh-eh.. É. Nhor sim. ã-hã, quer entrar, pode entrar... Hum, hum. Mecê sabia que eu moro aqui? Como é que sabia? Hum-hum... Eh. Nhor não, *n't, n't*... Cavalo seu é esse só? Ixé!) às quase onomatopéicas da misteriosa conclusão (“Hé... Aar-rrã... Aaãh... Cê me arrhoû... Remuaci... Rêiucãanacê... Araaã... Uhm... Ui...Ui...Uh...uh... êêê...êê...êê...êê...”) que figuram uma metamorfose, percebemos que estamos “enfeitiçados”, escravos da magia física e metafísica de Rosa, escravos livres e felizes, porque Rosa consegue enfeitiçar de forma que poucos autores, com tanta clareza implícita, aliás, poética, logram realizar.

Com Rosa o leitor é constantemente (poderíamos repetir: magicamente) acompanhado na busca das respostas que inquietam o sertão da existência e, sempre com ele, o leitor faz experiência de aprender a viver, de se confrontar com o drama que representa encontrar um senso para o cotidiano. O Seminário Internacional Guimarães Rosa, de que espero, com alegria e comoção, o renovado convite para 2006, é, sem dúvida, uma alegoria dessa aventura de viver. Parafraseando uma passagem do discurso de posse, na Academia Brasileira de Letras, em 1967, podemos dizer, com Rosa, que também os leitores ficam encantados, como as pessoas, que não morrem, ou como as perguntas.

Referência

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.